

# Luto e Fúria Narcísica: em busca da construção da subjetividade<sup>1</sup>

## Mourning and Narcissistic Fury: in search of the construction of the subjectivity

Michele Melo Reghelin<sup>2</sup>

*“Ela não era má. Era pra sobreviver”.*  
(Caso M)

*“E acredito ser uma grande estupidez buscar a vingança sobre um monstro irracional, que o feriu levado apenas pelo instinto de sobrevivência”.*  
(Melville, 1997).

*“A psicanálise é a profissão que escolhi, é o modo pelo qual posso lidar melhor com a minha própria culpa, é através dela que posso expressar-me da maneira mais construtiva. Sou pago, ou estou em formação a fim de conquistar um lugar na sociedade através do meu trabalho psicanalítico. Estou fazendo descobertas. Tenho gratificações imediatas ao identificar-me com meu paciente que está melhorando, e espero gratificações ainda maiores no futuro, quando o tratamento terminar. Além do mais, enquanto analista, eu tenho meios de expressar meu ódio. O ódio é expresso pela existência do final da sessão”* (Winnicott, 2000, p280).

**Resumo:** O autor discute as vicissitudes do tratamento de um menino na saída da latência, observando a construção da responsabilidade por suas pulsões bem como a persistência de sintomas anexados ao seu ego, conflitos que não lhe pertencem, de origem transgeracional, reforçando o cuidados que temos de ter com a leitura do material clínico.

**Summary:** The author argues the process of the treatment of a boy in the exit of the latency, observing the construction of the responsibility for its drives, as well as the persistence of attached symptoms to his ego, conflicts that do not belong to him, of transgeracional origin, strengthening the cares that we have to have with the reading of the clinical material.

**Descritores:** Luto, transgeracionalidade, identidade e fúria.

**Keywords:** Mourning, transgeneration, identity and fury.

---

<sup>1</sup>Porto Alegre, novembro de 2004.

<sup>2</sup>Psicóloga, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pelo CIPT. Endereço para correspondência: [michelereghelin@terra.com.br](mailto:michelereghelin@terra.com.br)

*“... A vontade de um deus não pode ser contestada, mesmo quando suas razões não são suficientemente claras” (Melville, 1997, p26).*

A obra de Herman Melville conta a história da perseguição do capitão Ahab à baleia Moby Dick. Sempre caçando baleias a bordo do seu barco, um dia teve a perna extirpada por uma corda quando tentava matar Moby Dick. Por sobrevivência ela se defendeu ao ataque. Tomado pela vingança e fúria, ele passa a sua vida tentando encontrá-la.

*“Moby Dick é a grade que me cerca. Hei de matá-la para me libertar” (p44).*

Partindo dessa idéia – desta mitologia privada como diria Bion – discutimos o caso de um menino de onze anos, com longo tempo de tratamento. Abordamos os sentimentos que desperta, muitas vezes de raiva; é desafiador e intolerante a limites, o que às vezes faz pensar que desenvolverá um funcionamento anti-social, mas não preenche critérios para transtorno desafiante de oposição ou déficit de atenção e hiperatividade. Não se pode esquecer que ele se encontra em plena fase de desenvolvimento, tendo que estruturar as defesas da latência e elaborar alguns lutos: *pelo corpo infantil, pela perda dos pais da infância* (que se agrava pelo fato de os pais dele terem se divorciado há quatro anos, motivo pelo qual veio à terapia), além de elaborar *o luto pela avó morta*. O leitor verá que neste trabalho ora usamos o termo ‘criança’ para referir ao paciente, e ora uso o termo ‘pré-adolescente’. Pode parecer confuso para o leitor, como é para o terapeuta e para o paciente, afinal, ele está num processo de desenvolvimento, passando da fase *infantil* para a *pré-adolescência*.

Neste trabalho, apresento também o jogo simbólico e o uso da fantasia, manifestada através da criatividade deste menino para elaborar a dor da separação dos pais. Ilustro o caso com passagens de algumas sessões de terapia embaladas por canções cantadas ou tocadas no violão por ele. Relaciono a teoria psicanalítica com a sua história de vida através da analogia da história da baleia Moby Dick, leitura solicitada pela escola de Maurício, e que ele não conseguiu finalizar devido ao temor que tal história lhe gerava.

*“Poderia dizer por que embarcar?”.*

*“Para saber como é a caça a baleia, aprender, ver o mundo... (Melville, 1998, p27)”.*

Maurício<sup>3</sup> veio a tratamento quando tinha 10 anos e sete meses. Na época, fazia três anos que os pais haviam se divorciado, após um casamento de 20 anos. Desta união resultou ainda seu irmão Cristiano (20 anos), o qual logo após o divórcio dos pais, foi morar num apartamento no mesmo prédio onde o pai reside atualmente. O pai, Jorge (50 anos), logo conheceu Júlia com a qual foi morar e teve um filho, Mário (2 anos). A mãe, Carla (50 anos) arrumou um companheiro estrangeiro (57 anos), que passou a morar com eles e neste ano oficializou esta união.

O paciente vem a tratamento trazido pela mãe, pois os pais estão preocupados com as conseqüências emocionais que o filho possa ter desenvolvido após o divórcio. Conforme eles Maurício é um ótimo filho, comportado, estudioso, mas ultimamente estava sendo desobediente com a mãe, além de às vezes se trancar no quarto, bater portas e não querer conversar. Referem que, aparentemente, aceitou bem o nascimento do irmão, a saída do pai e do irmão mais velho de casa, apesar de ficar triste com a separação dos pais. Comentam que ele guarda muito as coisas para si e às vezes confia para o irmão suas ansiedades quanto a separação dos pais, o relacionamento com o novo companheiro da mãe, o fato de se achar gordo. O pai menciona que o filho é sagaz, inteligente, amigo e carinhoso. A mãe fala que o filho é inteligente, esperto, afetivo, que se relaciona bem com todas pessoas. A mãe pensa que o filho acha tudo legal com o pai porque o vê poucas vezes e considera um “tédio” (sic) estar com ela porque convive com ela. Jorge concorda com Carla que Maurício precisa conviver mais com ele.

Conforme relato da mãe, Jorge pediu o divórcio repentinamente, não aceitando a proposta dela para fazerem terapia de casal. Ela fez quatro meses de terapia e parou por achar que já estava bem. Contam que durante a infância, Cristiano fez terapia durante um ano e meio porque a escola solicitou. Ele era retraído e não reagia quando os colegas batiam nele, diferentemente de Maurício, que reclama. Maurício adora e admira o irmão. Como sua mãe trabalha o dia todo, Maurício vai todas as manhãs para a casa da madrinha, sua bisavó, que ele e o pai chamam de “vó”. Na verdade, a mãe de Jorge se suicidou quando ele era adolescente, “ela tinha problemas”, diz. De acordo com Jorge, a avó é uma pessoa controladora.

Jorge sempre fala muitas coisas nas entrevistas, diferentemente da mãe, que tenta “colocar panos quentes”. Ele conta que namorou pouquíssimo, que não teve adolescência, e que é muito comedido. Logo que conheceu Carla, namorou e casou, e como ele era judeu ela se converteu, mas apesar de seguir os rituais, nunca se entregou à religião. Refere estar extremamente feliz com a nova união.

Tanto o pai e a nova esposa como a mãe e o novo cônjuge possuem um bom relacionamento.

A gravidez de Maurício foi planejada. A mãe estava com 39 anos e o casal queria outro filho. Cristiano estava com 10 anos e pedia um irmãozinho. Carla disse que não tinha preferências, mas sempre gostou de ter filhos homens, e o pai queria uma filha menina. Assim que a mãe deu à luz, ele foi para o colo da mãe. Aos 15 dias de idade foi circuncidado no hospital. A mãe refere que teve angústia pós-natal, chorava depois que seu filho nasceu e se angustiava com o pranto do bebê, chorando junto com ele. Pensa que isso acontecia porque ele tinha nascido, não sabendo explicar, mas achando ser tudo normal.

Já no primeiro dia, Maurício mamou, mas era colostro. Refere que ele mordida os seios dela, “era guloso (sic)” e ficava bravo, choramingava quando o leite não vinha. Parou de mamar aos sete meses porque ele já não queria e o leite dela estava acabando. Aos dez meses começou a engatinhar e, em seguida, a caminhar, “arrastando um perninha no início” (sic), diz a mãe. Usou “chiqueirinho” na casa da avó. Quando tinha um ano de idade, teve uma febre de 39,5 graus e o médico mandou internar. Ele tinha uma bactéria de meningite. Ficou no hospital quatro dias com a mãe. Refere que foi muito preocupante porque um dia

---

<sup>3</sup> Nomes fictícios. Por que Maurício? Mauricinho, coloquialmente, aquele que é correto. O significado do seu nome verdadeiro é ‘como um Deus’, ou seja, aquele que tem o domínio da vida e da morte.

*depois dele ser internado, o médico falou que Maurício quase morreu. A mãe refere que todos os anos Maurício tem otite.*

*Após o nascimento, a mãe ficava o dia todo com ele. Depois, contratou uma babá (20 anos) que ficava de manhã com ele, e à tarde o levava na creche. Lembra que não deu certo, porque ela era rude com o filho, e Maurício a odeia até hoje. A partir daí, ele ficava na casa da avó e depois ia para a escolinha. Atualmente, ele estuda de manhã, está na 5ª série, e almoça quase todos os dias na avó. A tarde, às vezes tem aula, faz aulas de violão, futsal, terapia. Está montando uma banda de música com amigos. Gosta de brincar, andar de skate. Ganha muitos presentes (na maioria das vezes, dinheiro) dos familiares e é muito consumista, gastando sempre em coisas caras e da moda.*

*Possuo bom relacionamento com a família dele. São pessoas interessadas no tratamento do filho, que sempre pagam as sessões, que trazem o filho para o tratamento, atendem aos meus telefonemas e comparecem às entrevistas. Porém, o pai tem se afastado cada vez mais do filho, devido ao seu envolvimento com a nova família, estudos e trabalho. Inicialmente indiquei psicoterapia psicanalítica duas vezes por semana, porém a família somente aceitou que ele iniciasse uma vez por semana devido a dificuldades financeiras e em trazê-lo a terapia, pois os pais trabalham todos os dias.*

*“Faço votos que aprendas amar as tempestades ao invés de fugir delas”  
(Gibran).*

A primeira impressão que tivemos de Maurício é que ele era um menino que estava vivendo um conflito edípico: seu pênis estava crescendo, os cabelos aparecendo no púbis e isso fazia com que ele evitasse aproximar-se da mãe, por temer a própria masculinidade. Ao mesmo tempo, a mãe desejava mantê-lo como bebê, para que ele ficasse perto. As sessões giravam em torno das dúvidas de Maurício: Como saber se o pai o abandonaria ou não; valeria a pena crescer e se deparar com as responsabilidades adultas; quais as vantagens de ser adolescente; abrir mão de ser criança; o que fazer com o pênis; como fazer para que as meninas da escola não se afastassem dele; qual o modelo masculino a ser seguido...

Assim, pensamos que o objetivo do tratamento fosse permitir que Maurício pudesse recuperar os modelos que estavam perdidos, aceitar seu crescimento e lidar bem com a sua sexualidade, além de descarregar sua raiva no *setting* terapêutico para que não atuasse no ambiente externo. Percebemos que, no dizer de Kohut (1984), esse tipo de paciente costuma vir mascarado sob a fantasia da neurose. As perturbações narcísicas ficam escondidas sob a sintomatologia edípica, tornando-se necessário modificar o *self* e todas as etapas de transição do desenvolvimento. Esses pacientes, inicialmente, dão a impressão de uma neurose clássica. Mas quando a psicopatologia é abordada por interpretações, eles entram numa atuação selvagem sobrecarregando o analista com exigências amorosas edípicas. Então percebemos um menino sobre-adaptado, perfeito demais, detentor de uma intensa fúria narcísica. E aí, apareceram as tempestades...

*“... E toda dor vem do desejo de não sentirmos dor...” (Quando o sol bater na janela do seu quarto - Legião Urbana).*

Para Freud (1926):

*“A dor é assim a reação real a perda do objeto, enquanto a ansiedade é a reação ao perigo que essa perda acarreta e, por um deslocamento ulterior, uma reação ao perigo da perda do próprio objeto” (p165).*

Ouvindo esta música fora da sessão, notamos que este paciente me requeria cada vez mais atenção e que, devido ao sofrimento que ele tinha e a raiva que contratransferencialmente evocava. Não era fácil se colocar no lugar dele e compreendê-lo melhor, lançando-lhe o olhar que ele tanto pedia. Houve um momento no seu tratamento que foi muito difícil. Maurício se recusava a comparecer às sessões e o pais não conseguiam trazê-lo. Annes (in Graña, 2001) diz que para Joan Rivière, a reação terapêutica negativa evita a posição depressiva, mantendo-o num estado maníaco, e ressalta que pacientes que apresentam reação terapêutica negativa necessitam analista receptivo, empático e não invasivo para não reforçar defesas do paciente; que as identificações projetivas e introjetivas maciças cegam o analista que contra-ataca; que o analista deve revisar sua contratransferência negativa, estar atento ao seu mundo interno, que é sinalizador do presente e futuro; que não deve dar sugestões a pacientes deprimidos para não se sentirem culpados nem deixar de trabalhar com a expectativa de que ele corresponda ao desejo do analista. A atuação é um instrumento de trabalho, mas ao mesmo tempo, é um ataque à tarefa do analista, porque este fica incapacitado de pensar. Há uma interação ao comunicar algo que não consegue através de palavras. Na verdade, o que houve foi uma falta de empatia de parte do analista. Estava difícil entender o que ele queria dizer e, portanto, difícil se colocar na situação dele. O analista, inundado de ódio, perde a vontade de atender o paciente.

Winnicott (2000) fala da função de *holding* e *continência* que devemos dar a esses pacientes. Menciona que assim como a mãe e seu bebê, o analista deve ser capaz de tolerar o ódio do seu paciente, ser continente e não revidar. Deve ter tolerância, confiança e paciência, ser disponível, pontual e objetivo, além de entender os desejos de seu paciente como necessidades. Ele ainda lembra que no início o paciente não reconhece o seu analista porque não se identifica com ele, sendo difícil para ele perceber que o ódio do analista é fruto do bruto modo de amar do paciente. Também, o paciente busca, num determinado momento, o ódio do analista e ele deve ter a possibilidade de encontrá-lo, para poder encontrar o amor.

Maurício havia ficado agressivo, a ponto de ficar furioso; inesperadamente, ele tentou me esgoelar. Lembremos, que para Kohut (1984) o analista empático além para o futuro de que, na análise, uma interpretação mesmo que correta, sobre a defesa ou algo referente à personalidade do indivíduo, muitas vezes é inoportuna ao paciente que procura uma

*“Reação abrangente para um importante evento recente em sua vida, tal como uma nova realização” (p109).*

Conforme este autor, não existe interpretação e sim, uma internalização transmutadora. Maurício não percebera que a analista estava com a garganta inchada, inflamada. (Ou teria percebido?) Através ele mostra que o analista ultrapassara os limites do homem, pois ele estava machucado desde havia muito tempo. O comportamento agressivo de quebrar cadeiras, pintar mesas e sujar paredes, gritar muito, fazer escândalos só cedeu quando o analista passou a utilizar a contratransferência como bússola para o tratamento, além da empatia, a característica básica que todo terapeuta deve ter, como diz Heinz Kohut, e a pergunta vital: *para onde vai o barco? O que está havendo com este menino? Qual é o sofrimento dele?* Os pais foram chamados para uma conversa e responsabilizados pelo tratamento, pois o barco naufragaria se a tripulação não trabalhasse conjuntamente. A aproximação com os pais, explicitando as atitudes de Maurício, explicando que dar limites a um filho é dar amor, fizeram com que os pais assumissem suas responsabilidades e a retomada do tratamento.

*“Nem tudo lhe cai bem  
um risco que se assume  
é bom  
não iludir ninguém  
às vezes faço o que quero  
às vezes faço o que tenho que fazer ...”*  
(Vícios e Virtudes - Charlie Brown<sup>4</sup>)

Porém, as combinações com os pais não se mantêm e isso afeta muito Maurício. O seu pai sempre se compromete a vê-lo mais seguidamente, mas isso não se confirma. E passa a questionar o que faz na terapia, se joga dinheiro e tempo fora, pois de que adianta ele se esforçar tanto se não vai ver o pai feliz e tê-lo de volta.

---

<sup>4</sup> Ele adora ouvir as músicas do Charlie Brown. Charlie era o codinome dos soldados americanos que lutaram contra a Alemanha na 2ª. Guerra Mundial

Quem seria Maurício? O homem trágico de Kohut ou o homem culpado de Freud? Kohut procura explicar que a humanidade é regida pelo mito de Ulisses em que o pai morre pelo filho. Mas, no caso deste menino, apesar dele ter um pai que o ama, fica a impressão de que ele se sente culpado pela saída do pai de casa, como se ele o tivesse incomodado. Isso fica mais claro numa sessão no início deste ano. Após as férias, comparece à sessão e sai reclamando da terapia. Cinco minutos depois o pai dele entra na instituição e diz que Maurício está no carro chorando e ele não sabe o que fazer. O pai também está atrapalhado e é convidado a conversar: *Maurício sente-se responsável pela saída do pai de casa e que sente muito a sua falta. Maurício chora escondido, debaixo do boné para o pai não ver, como de fato acontece.* Ele chora pelo pai, pela dor que o pai sente por ter perdido a mãe tão jovem. Por sua vez, o pai não percebe seu próprio desejo de que o filho viva para juntos sofrerem a dor da perda da avó de Maurício. Os pais, refere Kohut (1984), algumas vezes se relacionam com o filho através de uma organização narcísica, onde a organização psíquica dele é a sua própria. *Jorge explica que apesar da separação, jamais vai abandoná-lo.* É uma sessão delicada e comovente, onde pai e filho têm a oportunidade de conversarem sobre este assunto, que estava velado. Apesar das boas intenções, logo o pai “*esquece de Maurício*”, prometendo vê-lo mais seguidamente e não cumprindo suas promessas. Até o irmão mais velho tem lhe feito algumas promessas como a de Maurício dormir na casa dele para passarem mais tempo juntos, e não as têm cumprido. Cristiano, refere ter tentado fazer o papel de pai do Maurício por algum tempo, até perceber que isto não lhe cabia. Sente-se culpado porque quando seus pais se separaram, o pai arrumou uma companheira, a mãe um companheiro, e ele teve o apoio da namorada e ninguém apoiou Maurício, ninguém pôde ouvi-lo quando ele mais precisava.

Para Quinodoz (1993), quando a angústia de separação é intensa, é sentida como algo de se ver sozinho e, portanto abandonado. Mas, se for possível domar essa solidão, através do entendimento de que cada ser humano é único e capaz de formar novos vínculos, essa angústia transforma-se em vontade de viver.

*“A latência é o período em que a fantasia possui a primazia sobre a técnica para a descarga de impulsos e a superação do estresse” (SARNOFF, 1995, p302).*

Os pais de Maurício se separaram quando este estava na entrada da latência. Passou a receber cuidados mais intensos da sua bisavó, talvez ocupando o lugar da filha morta, mãe de

Jorge. Conforme Piva (*in* Graña e Piva, 2001), o casal dirige a transmissão transgeracional, garante a vida eterna e o reencontro dos parentes mortos e a separação representa o fracasso, deixando seus descendentes desamparados, frustrados e solitários. O novo espaço familiar é marcado por relações de inclusão/exclusão, reativando a cena primária, rivalidade, hereditariedade e erotização edípica porque não há a interdição sangüínea.

*“Cada nova vinculação traz a possibilidade de inscrever novas marcas e de constituir a subjetividade” (PIVA, 2001, p270).*

O analisando teme ser interpretado e tomar consciência da dolorosa relação transferencial porque reativa a hostilidade com o terapeuta reforçando a transferência negativa. Até por isso evita inconscientemente interpretar a angústia de separação. Cada vez que o tem aparecia ele atacava o analista chamando-a de idiota. Além do que, como diz Quinodoz (1993) dessa maneira percebe que ele existe independentemente da vontade dele e que é diferente dele. Isso faz com que seja capaz de desenvolver a tolerância à frustração, de saber que o seio não é inesgotável. Por isso as projeções são aceitas e tenta-se diferenciar a agressividade da destruição, religando sentimentos positivos, estabelecendo elos entre o amor e o ódio; afinal, ele se sente culpado por odiar o pai que tanto o ama, e esse sentimento de culpa pode ser evidenciado através do medo que tem de ser castrado.

O exercício da função paterna depende da autorização interna de ser pai, que tem a ver com a identificação que teve com seu próprio pai, com o desejo de ter descendentes. O pai projeta o filho como sucessor e assegurador do nome da família, estimula a criança ao crescimento, à maturação e ao convívio com grupos, cabendo à mãe introduzir o pai através da valorização dele. E, embora ele esteja ausente de alguma forma, fica inscrito psiquicamente no filho desde que a mãe autorize que ele ocupe seu lugar simbólico. Green (1998) aponta que o menino volta-se para o pai na etapa de internalização, pois

*“É no mundo interno que o self está em perigo de ser dominado pela mãe, e é no mundo interno que o pai deve agir de duas formas: manter a mãe do lado de fora, e ser objeto alternativo para sentimentos libidinais e necessidade de cuidados da criança (p225)”.*

Na identificação com o pai, ele afirma sua separação da mãe através dos componentes corporais da identificação.

O medo de ser abandonado e esquecido é evidente em Maurício. O que mais chama atenção no seu tratamento é a capacidade dele fantasiar e simbolizar seus sentimentos. Um dia

ele pergunta se o analista assistiu: “*Como se fosse a primeira vez*” e conta que mãe da criança se esquecia dela todos os dias, mas sempre tinha que lembrá-la. Nas últimas sessões que tivemos, estava muito triste porque seus pais adoeceram na véspera do Dia das Crianças, e não puderam ir juntos comprar seu presente. “*Por quê não se cuidaram?*” (diz). Talvez quisesse dizer: por quê não se suicidaram como a avó fez? Ao que, depois, segue dizendo que queria que o pai morasse com ele, que seus pais não tivessem se divorciado e indaga: “*por quê casaram? Por quê me tiveram?*” Piera Aulagnier (1979) nos remete a pensar que todo indivíduo necessita conhecer sua estória de origem, e que no início, a estória de cada um é escrita a partir do discurso dos outros porque o “*Eu*” não é capaz de lembrar. Aí reside o perigo: será que a criança acha a resposta? Se ela interroga qual o prazer e o desejo do casal, questiona a causa do prazer e desprazer. Então se pergunta como nasceria a criança, o Eu, o prazer e o desprazer. “*Na origem da vida está o desejo do casal parental, a quem o nascimento da criança dá prazer*” (p181). Maurício diz algumas vezes que come papéis. Qual o papel dele nesta família?

A perda do ego está relacionada com a perda do objeto. E a interpretação visa reparar o ego e aspectos perdidos do ego a fim de restaurar o sentimento de identidade (GRINBERG, apud Quinodoz, 1964).

A sessão seguinte é a recuperação de uma falta que ele teve. Final da tarde, após a aula dele de *futsal*. Chega dizendo que não queria ter vindo. Arruma as cadeiras, liga o ar quente e deita. Conversamos brevemente sobre seus tênis novos, mas ele está com muito sono e deseja dormir. Falo que ficarei cuidando dele enquanto dorme. Como ele está com o rosto de frente para o ar condicionado, desligo o ar e ele briga comigo. Combinamos deixar o ar ligado desde que ele não fique direcionado para o rosto dele, para não adoecer. Enquanto dorme, canto canções de ninar e como está muito quente, desligo o ar. Na minha frente estava um bebê, cansado e desprotegido. No término da sessão, o acordo. No seu retorno, refere que quase ficou doente, e concorda ter sido bom desligar o ar condicionado.

*“A nova imagem do corpo obriga a uma reformulação ou mesmo a uma fundação de um sujeito a partir de outro lugar. A identificação especular com o Outro da infância não se sustenta mais. O sujeito deve apropriar-se da identificação inicial que era sustentada no olhar e na voz do Outro, imaginariamente” (PIVA, 2004, p176).*

Ainda, o terapeuta ajuda para que o paciente possa simbolizar através da palavra e não do corpo (atuação). Para isso, ele tem que ser consistente quanto a manutenção dos limites do *setting*, sendo o Outro capaz de corrigir a falha paterna inicial, contendo a angústia.

“Quando o sol se for” (Quando o sol se for - Detonautas). Inicia a sessão cantando essa música. O que ele queria dizer com isso? Tentamos associar com as outras músicas que ele traz, mas nada vem a mente. No decorrer da sessão, Maurício fala que precisa novamente comprar chocolates para a avó e tia, pois quer agradá-las. Telefona para a mãe e diz que ama muito e que se morrer, é para deixar o quarto para o irmão mais velho. Fala que está com o medo de morrer, pois ficou no carro sozinho e quase foi assaltado. Emenda com o fato de que vou sair de férias, e pergunta se vou de avião. Diz que sabe que voltarei, pois sempre o aguardei quando não compareceu às sessões. Porém, se eu viajar de avião, posso morrer e não voltar mais. Ele começa se dar conta de que não é onipotente e que apesar dele tentar fazer de tudo para salvar as pessoas, há coisas que não dependem dele, como a morte. Mas como salvar as pessoas da morte? Como salvar o pai da tristeza pela morte da mãe? Será ele aquele que veio ao mundo para alegrar o coração da bisavó?

Na véspera das férias do analista, Maurício traz o violão e algumas músicas escritas por ele, mas que ainda não pode mostrar porque não confia suficientemente no analista. Diante de desconcertantes sensações internas, o pré-adolescente não discute seus sentimentos com qualquer pessoa, pois nem mesmo ele consegue enfrentá-los. E o silêncio produzido angustia o terapeuta que deseja continuar o seu trabalho.

*“O psicanalista traz para o tratamento um corpo de conhecimentos a respeito da psique humana e uma compreensão do método psicanalítico. Traz também a si mesmo como ser humano, com suas próprias necessidades e conflitos incompletamente solucionados. Dessa maneira, ele invariavelmente desenvolverá reações irracionais a seus pacientes (BERENSTEIN E GLENN, in Glenn, 1996, p228)”.*

Maurício conta que gosta muito dessa letra de música e juntos cantamos: “ela dormiu, no calor dos meus braços, e eu acordei sem saber se era um sonho... naquele amor, a sua maneira... perdendo o meu tempo, a noite inteira... (À sua maneira, Capital Inicial)”. Ele mostra suas habilidades com o violão e me ensina a tocá-lo. Sinto que estamos novamente mais vinculados. “Vou deixar a vida me levar pra onde ela quiser eu vou, mudar a direção” (Vou deixar, Skank). “Esta música ainda estou aprendendo” (sic). E constrói o boneco Jack pênis, para eu levar na minha mala, ou seja, não esquecer dele. Pede que eu o ajude a afinar as

cordas do violão, porque ele sabe tocar, mas o som não está bom. Digo que ajudá-lo a fazer que a vida tenha um som diferente, que ele possa encontrar a harmonia e viver mais feliz. Ele sorri e afinamos juntos o violão. No final canta uma música alegre em hebraico e dançamos juntos. Um analista que dê menos importância ao brincar, desencoraja a criança a se expressar. Ainda, Bernstein e Glenn (in Glenn, 1996) acrescentam que um analista que se comporte no *setting* terapêutico como se estivesse com um adulto pode indicar medo de regressão ou medo da liberação dos próprios impulsos, atrapalhando a técnica e demandando maiores cuidados e atenção. Deixei minha criança interna aflorar e entrei na brincadeira. Estávamos em sintonia. Na saída, o pai e a esposa se despedem tocando no meu ombro. Maurício, encabulado, faz o mesmo. Estaria ele se identificando com o pai? Afirmo que nos veríamos novamente na data x.

Na primeira sessão após o retorno, não compareceu porque, conforme a mãe, estava doente e, além disso, não havia ninguém para trazê-lo. Aí ao analista assinala o descaso da família para com o tratamento dele, sempre colocado em segundo plano. Na próxima sessão, chega atrasado 40 minutos, porque o pai o trouxe. Está irritado e verbaliza não querer mais fazer terapia. Conversamos; é-lhe assinalado que ele sentiu falta do tratamento. Ele nega. Não insisto, procurando saber o que houve, como ele passou esse período, tentando restabelecer nosso vínculo. Porém, sinto que algo o incomoda profundamente. Mais para o fim da sessão comunico que vou conversar com os pais dele. Ele concorda, mas fica irritado, porque eu não vou achar o pai dele, pois ninguém consegue encontrá-lo devido ao fato dele estar sempre trabalhando e não ter tempo e me xinga, projetando em mim toda sua raiva. Franch (in Graña, 2001), cita que a mãe suficientemente boa (Winnicott) é capaz de responder ao bebê mantendo a ilusão de fusão dele, para que paulatinamente consiga se separar, conforme for se fortalecendo com a dor, angústia, terror, demandando recursos psíquicos para lidar com as angústias de aniquilamento e sentimentos de perda: da onipotência, da ilusão da fusão, do sentimento de posse do objeto, iniciando um trabalho de luto. A mãe pode ajudar o bebê a suportar tais sentimentos, mas não pode impedi-los de sentir.

Na entrevista com os pais, contam que Maurício está com medo de ler o livro *Moby Dick*, solicitado pela professora. “Ele não conseguiu terminar a leitura por medo dos monstros, não sei”, diz a mãe. Ainda, ela está preocupada com a próxima leitura solicitada: “Eles matam, você vive”. Então, na sessão vemos com ele o que havia na história e ele me conta que era uma baleia que brigava para se defender. “... ela não era má, era para sobreviver

(sic)”. Aquilo me tocou profundamente. Ele falava dele mesmo, o quanto lutava para ser reconhecido naquela família. Seria ele a baleia Moby Dick ou o caçador dela, furioso e vingativo? Os dois, pois ambos sentem muito medo e dor. Maurício se sobre-adapta na família, arma-se de defesas para se proteger e dessa forma estrutura as defesas da latência.

Para Glenn, Sabot e Berenstein (in Glenn, 1996) o analista se coloca no lugar da criança e tenta ver os pais com os olhos dela. Porém deve ater para não culpar os pais, não tentar ser o que os pais não foram, nem poder competir com eles, além de, no momento adequado, poder valorizar a disposição deles de quererem ajudar os filhos.

Maurício chora pela segunda vez em sessão só que desta vez sem tapar o rosto, sem esconder o choro. Diz que os amigos estão crescendo e não querem mais brincar, só que ele ainda quer brincar, e o pai não brinca com ele. Expressa o medo que tem de ter que um dia crescer e deixar de brincar, pois não terá aproveitado a infância com o seu pai. Aqui cito uma música que ele cantava no início do tratamento:

*“Que bom viver, como é bom sonhar  
E o que ficou pra trás passou e eu não me importei  
Foi até melhor, tive que pensar em algo novo que fizesse sentido  
Ainda vejo o mundo com olhos de criança  
Que só quer brincar e não tanta "responça"  
Mas a vida cobra sério e realmente não dá pra fugir  
Livre pra poder sorrir, sim  
Livre pra poder buscar o meu lugar ao sol...  
Cada um tem seu caminho, eu sei foi até melhor...  
Caro pai, como é bom o ter por quê se orgulhar  
A vida pode passar, não estou sozinho  
Eu sei se eu tiver fé eu volto até a sonhar...  
O amor é assim, é a paz de Deus em sua casa” . (Lugar ao sol, Charlie Brown)*

Maurício sempre se questiona porque os pais o colocaram no mundo já que esquecem dele, se não têm tempo para ficar com ele. Ele fica bravo porque seus pais se divorciaram quando ele tinha apenas sete anos, sendo que dos dois primeiros anos ele não lembra de nada, convivendo com o pai durante apenas cinco anos. Fica bravo com Cristiano que teve o pai perto dele durante mais tempo, mas nega ficar bravo com Mário, pois este só tem 2 anos, ainda não sabe como é bom ficar com o pai. Conversamos que na terapia podemos brincar também e ele comenta que não é a mesma coisa. Concordo e saliento que podemos tornar a terapia algo interessante e criativo, não tão chato. Ele me olha atentamente e isso parece acalmá-lo um pouco. Mas neste momento, ele chora intensamente e diz repetidas vezes que

faz um ano que vem na terapia, que isso o deixa triste e que quer um terapeuta homem que toque violão. Falo que mesmo eu sendo menina, podemos conversar sobre coisas de meninos e ele se irrita, dizendo que eu não toco violão. Coloco que nos conhecemos há algum tempo, que já passamos por momentos difíceis, e que não acho que é a hora dele trocar de terapeuta. Explico que a terapia é importante para ele e que se ele realmente quiser trocar de terapeuta, vamos pensar juntos. Sobretudo, afirmo que eu acredito que seguro a bronca dele e que posso ajudá-lo.

*“... durante o tratamento, nosso trabalho terapêutico está constantemente oscilando para trás e para frente, como um pêndulo, entre um fragmento da análise do id e um fragmento da análise do ego” (FREUD, 1937-1939, p254).*

O paciente vem com uma confiança no analista, lembra Freud (1937-1939) com a convicção do poder curativo da análise. Mas com o surgimento do desprazer em função dos conflitos defensivos, as transferências negativas podem anular completamente a situação analítica. O paciente passa a fazer exigências desagradáveis, se comportar como criança que não gosta do estranho e não acreditar no analista. Se o analista explica o que se passa, a defesa e tenta corrigi-la, encontra-o incompreensivo e inacessível. Resistência contra a revelação das resistências e a análise como um todo.

Na sessão seguinte, Maurício vem com um boné do Pluto, falando como bebê. Na sala, abre a casinha de brinquedos, pega a caixa, retira revistas desenha bigodes nos rostos de moças das revistas e conversamos sobre o fato dele estar crescendo, dos pêlos estarem crescendo, que o pai o irmão e o amigo são peludos e ele ainda não é, se eu acho que ele é baixo, se o pênis vai crescer... Então diz que está na hora de limpar a caixa e começa a colocar muitos papéis fora, deixando um pouquinho de sujeira dentro da caixa e algumas revistas juntamente com o *Jack-pênis* do lado de fora. Cola toda a caixa dizendo que é para ninguém mexer nela e do lado de fora, pinga várias gotas de cola, achando isso muito legal. Interpreto para ele dizendo que a caixa está chorando. Ele fica em silêncio e ficamos até final da sessão observando as gotas caírem. Ele canta: “Não, não chore mais” (No woman no cry, Bob Marley). E eu digo que chorar alivia e ele retruca dizendo que não gosta dessa música, que em algum momento cansa chorar. Ele mostra a caixa para a esposa do pai na saída e pede para eu guardar. Digo que cuidarei bem da caixa. Senti uma tranquilidade que eu não estava sentindo ultimamente. Desejei em, alguns momentos, que ele não viesse a sessão e percebi que todas

vezes que desejei que ele não viesse, ele de fato não veio e que todas às vezes que eu não estava bem na minha vida pessoal, ele captava e reagia dizendo que eu não era capaz de cuidar dele. Além disso, entendi que ele estava começando a elaborar o luto pelo corpo infantil e que a dor que ele sentia, era projetada em mim, deixando-me muitas vezes atrapalhada com o material que ele trazia, perdida e sem saber o que fazer. Na verdade, ele não estava sabendo o que fazer com um pênis maior, com a mãe agora casada com outro, com a separação dos pais, e com o ódio pelo pai por ter se separado da mãe e por aceitar que ele ainda freqüente a casa da bisavó, o que o pai nunca mais fez, dessa forma, fazendo com que Maurício assumisse o lugar da morta perante a bisavó.

Uma das últimas sessões, antes de encerrar esse trabalho, Maurício, muito agitado e falando como bebê, contou-me que a tia estava doente e que a sua bisavó estava cuidando dele e que ele iria visitá-las. Estava preocupado porque ultimamente as pessoas estavam adoecendo. Mostra que comprou fantasmas de brinquedo e conversamos sobre a avó morta. Maurício sabe o nome dela, mas não sabe quando e nem como ela morreu. Fala que a bisavó é um pouco feliz. Falo então que há fantasmas que ainda assustam ele e ele me pergunta quais? Respondo que os fantasminhas da morte os deixam com medo e ele pede para mudar de assunto. O fantasma que se instalou se deve a “empatia direta do conteúdo inconsciente ou renegado de um objeto parental” (ABRAHAM e TOROK, 1995, p403). Já mais calmo e falando normalmente, fala que aprendeu a tocar uma música: “*Stay together for child*” (*Blink 182*). Pergunto se ele sabe a tradução e diz que é “Ficar juntos pelas crianças”. Peço para ver a letra da música e ele diz que não me mostrará, pois não quer brigar comigo. Pergunto por que ele brigaria e ele responde que farei comentários que não tem nada a ver e começa a se agitar porque pensa que vou buscar a tradução na internet. Refere que só vai falar o que diz a música no *Bat Mitzvá*<sup>5</sup>, quando fizer 13 anos e que portanto, tenho que esperar 2 anos. Está quase na hora do término da sessão, ele se agita, chora escondido e diz que a terapia o deixa triste e que não quer mais vir. Refere que quem precisa de terapia é o pai, porque desde que casou com a nova esposa, “perdeu a noção”. “Eu perdi o pai” (sic). Na saída diz que não vem mais e manda eu tomar no cu. Digo que estarei aguardando ele. Entendo que Maurício projetou em mim toda sua angústia e raiva em relação ao pai, que não assume seu papel como tal, deixando o filho vagar como uma assombração. Abaixo, segue a tradução desta canção:

---

<sup>5</sup> Na tradição judaica, significa a maturidade religiosa. Treze significa amor e unidade.

*É difícil acordar quando as sombras aparecem  
Esta casa é assombrada, é tão patético, não faz nenhum sentido  
Eu estou cheio de coisas para dizer, as palavras não servem e caem fora  
Um poema estúpido poderia consertar esta casa, eu o leria todo dia  
Então aqui está seu feriado  
Espero que você desfrute este momento, você jogou tudo fora  
Era meu, então quando você está morto e se for  
Você irá se lembrar desta noite, vinte anos agora perdidos  
Não está certo.  
A raiva machuca minhas orelhas, ficar fugindo durante sete anos  
Algo que resolva o problema, eles nunca os resolvem, não faz nenhum sentido  
Eu os vejo todos os dias, nós nos damos bem então por que eles não podem?  
Se isto é o que ele quer, e isto é o que ela quer, então por que isso machuca tanto?  
Então aqui está seu feriado  
Espero que você desfrute este momento, você jogou tudo fora  
Era meu, então quando você está morto e se for  
Você irá se lembrar desta noite, vinte anos agora perdidos  
Não está certo.*

Maurício guarda um grande ressentimento pelo pai, por ele ter perdido a noção da função paterna, perdido a mãe dele e com isso se matado para o filho sendo um pai ausente. Isso faz com que ele tenha momentos mais regressivos, projetando em mim a dor que sente pelo fato de não ter sido capaz de manter a mãe e o pai unidos após um casamento de 20 anos. Na terapia ele busca consertar a casa (interna). Entretanto, possui uma raiva tão intensa que não consegue conter, e teme que eu o retalie através de uma devolução abrupta de seus sentimentos agressivos para com os pais, machucando suas orelhas.

### **Considerações finais**

*“Existem ainda outros motivos que me levaram a buscar esta aventura: o fascínio que as águas e o desconhecido exercem sobre todos os homens... sentados nos molhes de pedras ou apoiados nos moirões de madeira, os olhos dirigem-se para a linha do horizonte, como se tentassem descobrir os mistérios só revelados aos mais afoitos e corajosos... (p7) o sofrimento e a necessidade são mestres em mudar, rapidamente, o pensamento dos homens (p14)... e a ignorância é a irmã do medo (MELVILLE, 1997, p17)”.*

Lanço sobre ele um outro olhar. Após falhas e progressos, inúmeros aportes teóricos, acredito que a base fundamental do sofrimento deste menino é a ausência de uma presença. Ele chora com o pai a morte da avó, uma ausência que ainda está presente na família, apesar de todos tentarem ocultar. Já na obra de *Saint Exupéry*, o Pequeno Príncipe (1983) dizia para a raposa que ela sofreria quando ele partisse, pois havia cativado ela. Ao que a raposa lhe lembrava que o trigo era dourado como seus cabelos e assim, após sua partida, carregaria a saudade da presença de uma ausência. Maurício se coloca como sombra do outro, de um

objeto ausente que carrega a insuportável nostalgia de um reencontro impossível com seu corpo constituído pelo objeto perdido (MALDAVISKI, 1993).

Há mais ou menos cem anos, Freud falou que a criança é sexualizada, e que portanto, possui prazer, tensões, angústias, sexualidade, assim como um adulto. Para Berenstein (in Graña, 2001), os envoltimentos edipianos do terapeuta são revividos e ele acaba por se identificar com seu paciente. O desejo de trabalho com criança geralmente tem origem na identificação materna do analista e de seu desejo de ter um filho. O analista pode ser cauteloso, sendo maternal demais. Pode sentir culpa pela atenção e interesse e tempo que dedica aos seus próprios filhos. A criança exige que o terapeuta seja mais ativo e por não estar no divã, é observadora, atenta, vigilante, despertando inúmeras reações no analista. Sousa (in Graña, 2001) sugere que a conduta do terapeuta não seja de frialdade, que não opere em nenhum extremo excessivo ao paciente, pois o impacto da criança sobre a pessoa do analista podem afetar o andamento do processo terapêutico. Ainda, Franch (in Graña, 2001) menciona que para Capier, a criança observa as reações do analista, qual poder que exerce sobre ele, se é capaz de dominá-lo, invadi-lo através das suas projeções. E assim, ela constrói um funcionamento de modelo de par.

Mas devemos lembrar que a contratransferência é inconsciente, e que frente a um desejo de agressão física real, o desejo de proteger-se é consciente. Ademais, como diz Bion (1963) o analista contém os desejos do paciente: há identificação projetiva com eles. O analista deve utilizar a transferência mais como sinalizador para compreender a situação do seu paciente. Conforme Berenstein (in Glenn, 1996), o analista às vezes se identifica com a criança desenvolvendo relacionamento com ela e com os pais. Às vezes reage à identificação do paciente se identificando com ele, regredindo a um estado onde as representações objetivas são diferenciadas com dificuldades. Às vezes, comporta-se de modo benigno, enquanto os pais do paciente foram punitivos.

Kohut (1984) define os pacientes com fúria narcísica como portadores de uma necessidade de vingar-se, de reparar uma afronta, perseguindo tal objetivo até alcançá-lo, obtendo assim o sossego. Fala que há “*desconsideração pelas restrições racionais e um desejo ilimitado de reparar a ferida e alcançar a vingança*” (p102).

Essa fúria surge quando o *self* ou objeto não corresponde as suas funções e escraviza o ego, que passa a ser seu racionalizar, tornando-se carentes de libido investida no superego. Como lhe faltaram respostas para que conservassem um *self* coeso, tentam mantê-lo através

da auto estimulação. A fase edipiana serve para evitar esse rompimento do *self*. Por medo dessa fragmentação, enquanto o analista não for empático esse voltar para essa deficiência do *self*, o paciente vai responder com uma dramatização edipiana, para proteger-se. Precisam controlar o ambiente arcaico para conservar a auto-estima. Para isso, dependem da disponibilidade incondicional de um *self* objeto especular que aprove ou que se funde com ele. Assim, a tarefa do analista é transformar o exibicionismo e a grandiosidade em auto-estima inibida em seus objetivos e ambições realistas, substituindo tal desejo de fundir-se para atitudes controladas pelo ego. O analista deve ser tolerante a fúria quando o paciente suporta a frustração, conservando a empatia em relação as necessidade e raiva do paciente.

A mãe morta, diz Green (1988) é uma mãe que se mantém viva, mas que está morta psiquicamente aos olhos da criança. A família de Maurício não fala sobre este assunto, desmentem o fato da mãe do pai ter se matado e criam uma cripta<sup>6</sup> (Abraham e Torok, 1995), o que acaba por gerar uma estrutura de falso *self*, pois este menino está identificado com a bisavó morta. Ou seja, ele nasceu pra ocupar o lugar do morto. Ele precisa elaborar este luto, enterrar a “mãe morta” e através da fúria que sente, buscar uma subjetivação, só que o único espaço que ele encontra para fazer isso é a bisavó, que é a matriarca da família, que ainda detém o controle de todos. Assim, o trabalho da terapia consiste em legitimarmos o ódio deste menino abordando diretamente com ele a raiva que sente.

Ainda, este autor considera que estes pacientes pensam que a reserva de seu amor está guardada e será destinada ao objeto que lhe amar. Porém, é na transferência que se revela a mãe morta, e aí é possível se dar conta de que está incapacitado de amar porque seu amor ainda pertence à mãe morta, e apesar da sua generosidade, não consegue ter prazer. A minha função é alfa (Bion), tenho que ajudar este menino a decodificar seus sentimentos, seus fantasmas e nomeá-los. Como Ogden (1996) refere, não sou neutra, não sou uma tela em branco para projeções do paciente, mas ele precisa descarregar e eu preciso conter sua angústia, tenho que ser empática. Somos movidos por motivações, empurrados por nossas ambições e dirigidos por nossos ideais, diz Kohut (1984) e no decorrer da vida desenvolvemos habilidades e talentos, tudo para manter o colorido afetivo, a coesão do *self* e a coesão temporal. O *self* colorido ou despedaçado, como é o caso de Maurício, é oriundo das representações que acontecem na relação com o outro. E se a vida é narcisismo, cabe a mim,

---

<sup>6</sup> Conforme definição do dicionário Aurélio (1977), cripta significa “capela subterrânea para enterro dos mortos” (p133).

terapeuta, libinizar o superego dele, investir no potencial dele para que ele consiga lidar melhor com suas frustrações e limites.

Por algum tempo, senti que o trabalho terapêutico encontrava-se ancorado. Foi preciso passar por alguns maremotos para que seguissem as ondas. “O mar não dorme”, dizia Gibran. E como alguém, que não me recordo, disse uma vez, que saibamos agir como as ondas, que a cada recuo fazem um ponto de partida para um novo avanço.

Este é um trabalho que ainda não está concluído, no qual eu espero poder continuar ajudando Maurício a se libertar, a deixar que o barco siga conforme ele ajustar as velas do seu barco e não conforme a direção dos ventos. “A vida perdeu a graça” (sic). E o que eu tenho certeza que nos serviu como bússola até agora, é o forte vínculo que temos, pois apesar da sua fúria, ele é um sobrevivente do naufrágio, quer apenas se libertar e ir em busca do seu destino. E assim, deposita no trabalho terapêutico confiança e esperança, despertando meu mais intenso desejo de ajudá-lo a reencontrar a alegria de viver.

*“Sem a dimensão do afeto, a análise é um empreendimento vão e estéril”  
(GREEN, 1988, p317).*

## Referências bibliográficas

- ABRAHAM, Karl e TOROK. A casca e o núcleo. São Paulo: Escuta, 1995.
- AULAGNIER, Piera. A violência da interpretação: do pictograma ao enunciado. Rio de Janeiro: Imago, 1979.
- AURÉLIO. Mini dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira S. A. 1977.
- BION, W. R. Elements of Psycho–Analysis. New York, Basic Books, 1963
- BREEN, Dana. O enigma dos sexos. Rio de Janeiro: Imago, 1998.
- FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1925/1926.
- \_\_\_\_\_. Análise terminável e interminável. Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1937/1939.
- GLENN, Jules. Psicanálise e psicoterapia de crianças. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.
- GRAÑA, Roberto B. PIVA, Ângela B. S. A atualidade da Psicanálise de crianças: perspectivas para um novo século. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.
- GRAÑA, Roberto B. PIVA, Ângela B. S. A atualidade da Psicanálise de adolescentes: formas de mal estar na juventude contemporânea. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.
- GREEN, André. Sobre a loucura pessoal. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1988.
- KOHUT, Heinz. Self e Narcisismo. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1984.
- MALDAVISKI, D. Processos e estruturas vinculares. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- OGDEN, T. Os sujeitos da Psicanálise. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- QUINODOZ, Jean Michel. A solidão domesticada. Angústia de separação em Psicanálise. Artes Médicas, 1993.

SAINT-EXUPÉRY, Antoine de. O Pequeno Príncipe. Rio de Janeiro: Agir, 1983.  
SARNOFF, Charles. Estratégias psicoterapêuticas nos anos de latência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.  
WINNICOTT, D. W. Da pediatria a psicanálise: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago Ed., 2000.